

POLÍCIA PENAL



**ESPECIALISTA EM ASSISTÊNCIA
PENITENCIÁRIA - PSICÓLOGO**

Conteúdo de acordo
com o Edital
Questões gabaritadas
do Instituto Avalia
Legislação comentada

- ★ Língua Portuguesa
- ★ História do RN e Aspectos Geoeconômicos do RN
- ★ Ética no Serviço Público
- ★ Direitos Humanos
- ★ Execução Penal
- ★ Conhecimentos Específicos
- ★ Direito Constitucional (On-line)
- ★ Direito Administrativo (On-line)



DE ACORDO COM O EDITAL DE ABERTURA DO
CONCURSO PÚBLICO Nº 002/2026



Polícia Penal do Rio Grande do Norte

PP-RN

Especialista em Assistência Penitenciária - Psicólogo

APRESENTAÇÃO

Se você tem este livro em mãos, é porque está construindo sua jornada rumo à tão sonhada aprovação com compromisso e dedicação.

A Editora Nova Concursos será sua maior aliada neste percurso, oferecendo um material de qualidade que será seu guia de estudos.

Nosso livro foi elaborado com a experiência de professores renomados, especialistas em concursos públicos, somada à organização e dedicação do nosso time editorial.

O conteúdo programático do edital foi criteriosamente analisado para abordar todos os temas cobrados em um sumário que foi pensado para te apresentar uma sequência lógica; isso facilitará a compreensão do conteúdo cobrado para o cargo de Especialista em Assistência Penitenciária - Psicólogo de acordo com o Edital de Abertura do Concurso Público nº 002/2026, da Polícia Penal do Rio Grande do Norte (PP-RN).

Para complementar seus estudos e auxiliar sua memorização, ao decorrer da teoria você encontrará recursos como boxes Importante e Dica, com macetes valiosos selecionados para otimizar seu tempo; para um planejamento completo, ao final de todas as disciplinas apresentamos a seção *Hora de Praticar*, com questões gabaritadas da banca *Instituto Avalia*, organizadora contratada para a realização do certame, e também um complemento de bancas variadas, para que você pratique a teoria e já conheça o perfil da banca.

Para sua preparação acesse os conteúdos complementares disponíveis on-line para este livro em nossa plataforma: *Direito Constitucional e Direito Administrativo disponíveis em PDF para download*. Para acessar, basta seguir as orientações na próxima página.

Este material é um verdadeiro diferencial, pois proporciona uma abordagem completa e especializada que irá te guiar até o sucesso.

Vamos juntos rumo à aprovação!



AVISO IMPORTANTE

ESTE É UM MATERIAL DE **DEMONSTRAÇÃO**

Este arquivo é apenas uma amostra do conteúdo completo da apostila. Aqui você encontrará o sumário do material e algumas páginas selecionadas, para que possa conhecer a qualidade, a estrutura e a metodologia do nosso conteúdo. No entanto, esta não é a apostila completa.

POR QUE ADQUIRIR A VERSÃO COMPLETA?

- ✓ conteúdo organizado de acordo com o edital;
- ✓ teoria objetiva e atualizada;
- ✓ dicas e fluxogramas para auxiliar a memorização;
- ✓ questões gabaritadas para o treino da teoria.

**GARANTA A VERSÃO COMPLETA DO
MATERIAL COMPLETO COM DESCONTO!**

QUERO MATERIAL COMPLETO!

SUMÁRIO

LÍNGUA PORTUGUESA.....	11
■ COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS	11
■ TIPOS E GÊNEROS TEXTUAIS.....	14
■ SIGNIFICAÇÃO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES	26
SINÔNIMOS.....	26
ANTÔNIMOS	26
■ ORTOGRAFIA OFICIAL.....	28
■ CLASSES DE PALAVRAS VARIÁVEIS E INVARIÁVEIS E SUAS FUNÇÕES NO TEXTO	30
Colocação de Pronomes nas Frases	39
Tempos Simples dos Verbos	39
Conjugações Verbais.....	43
■ SINTAXE: TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES E ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO	46
Tipos de Predicado	48
CONCORDÂNCIAS VERBAL E NOMINAL	59
■ CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS.....	65
DÍGRAFOS, ENCONTROS VOCÁLICOS E CONSONANTAIS	66
DIVISÃO SILÁBICA	67
■ PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DERIVAÇÃO, COMPOSIÇÃO E OUTROS PROCESSOS	68
HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE E ASPECTOS GEOECONÔMICOS DO RIO GRANDE DO NORTE	79
■ HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE.....	79
INDÍGENAS NOS SERTÕES DO RIO GRANDE COLONIAL E POPULAÇÕES INDÍGENAS NO RIO GRANDE DO NORTE	81
ECONOMIA E FISCALIDADE NO PERÍODO COLONIAL: ARRECADAÇÃO DE TRIBUTOS NA CAPITANIA DO RIO GRAND	82
POLÍTICA E SOCIEDADE: MOSSORÓ E A RESISTÊNCIA AO BANDO DE LAMPIÃO	85
Terra dos Salineiros: Trabalhadores da Extração de Sal no Rio Grande do Norte – A Seca e a Questão Sanitária no Século XIX	86

A CAPITANIA DO RIO GRANDE NA HISTÓRIA DAS CAPITANIAS DONATÁRIAS (SÉCULO XVI).....	87
Motim das Mulheres	88
30 De Setembro e a Política Abolicionista de Vanguarda Mossoroense	89
O Movimento de 1930 e Rio Grandedo Norte na Segunda Guerra Mundial	91
COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO RIO GRANDE DO NORTE	95
REPRESENTATIVIDADE POTIGUAR NA COMUNICAÇÃO NACIONAL COM O JORNAL O MOSSOROENSE, O 3º JORNAL MAIS ANTIGO DO BRASIL	97
A BARREIRA DO INFERNO E O TRAMPOLIM DA VITÓRIA	98
■ ASPECTOS GEOECONÔMICOS DO RIO GRANDE DO NORTE.....	101
ATIVIDADES ECONÔMICAS MODERNAS E TRADICIONAIS	115
Agropecuária, Pesca, Fruticultura, Carcinicultura, Mineração, Sal, Indústria, Produção de Petróleo e Gás, Turismo, Comércio e Serviços	115
TRANSFORMAÇÃO DA INDÚSTRIA DAS ENERGIAS RENOVÁVEIS NO PANORAMA ECONÔMICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE	117
A INDÚSTRIA MINERADORA DO SERIDÓ.....	119
ÉTICA NO SERVIÇO PÚBLICO	127
■ ÉTICA E MORAL.....	127
■ ÉTICA, PRINCÍPIOS E VALORES	128
■ ÉTICA E DEMOCRACIA: EXERCÍCIO DE CIDADANIA	131
■ ÉTICA E FUNÇÃO PÚBLICA	133
■ ÉTICA NO SETOR PÚBLICO.....	135
■ DECRETO ESTADUAL Nº 33.094/2023: APROVA O CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO SERVIDOR PÚBLICO CIVIL DO PODER EXECUTIVO ESTADUAL.....	136
■ LEI ESTADUAL Nº 11.902/2024: DISPÕE SOBRE MEDIDAS DE PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO AO ASSÉDIO MORAL, SEXUAL E OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA NO ÂMBITO DOS ÓRGÃOS E ENTIDADES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DO PODER EXECUTIVO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE	138
DIREITOS HUMANOS.....	143
■ TEORIA GERAL DOS DIREITOS HUMANOS	143
CONCEITO	143
CARACTERÍSTICAS	145
EVOLUÇÃO HISTÓRICA E GERAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS.....	146

■ DIREITOS HUMANOS NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL	148
DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS, DIREITOS INDIVIDUAIS E COLETIVOS E DIREITOS SOCIAIS	152
■ SISTEMAS DE PROTEÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS.....	152
SISTEMA GLOBAL – ONU.....	152
SISTEMA INTERAMERICANO – OEA.....	156
CONVENÇÃO AMERICANA DE DIREITOS HUMANOS	158
■ DIREITOS HUMANOS E SEGURANÇA PÚBLICA.....	166
USO PROPORCIONAL DA FORÇA	166
PREVENÇÃO À TORTURA.....	168
RESPONSABILIDADE DO AGENTE PÚBLICO	169
■ DIREITOS HUMANOS E EXECUÇÃO PENAL: DIREITOS DA PESSOA PRIVADA DE LIBERDADE, RESSOCIALIZAÇÃO E ASSISTÊNCIAS PREVISTAS NA EXECUÇÃO PENAL.....	170
■ NORMAS INTERNACIONAIS DO SISTEMA PRISIONAL	170
REGRAS DE MANDELA	170
REGRAS DE BANGKOK	187
TRATAMENTO DIGNO DA POPULAÇÃO CARCERÁRIA.....	202
■ TORTURA E MAUS-TRATOS: CONCEITO, FORMAS DE TORTURA E COMBATE À TORTURA...	204
■ DIREITOS HUMANOS DOS GRUPOS VULNERÁVEIS	207
■ COMBATE À DISCRIMINAÇÃO.....	218
■ CIDADANIA	219
DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA.....	220
EXECUÇÃO PENAL.....	225
■ LEI Nº 7.210/1984 – LEI DE EXECUÇÃO PENAL (LEP).....	225
OBJETIVOS E APLICAÇÃO DA EXECUÇÃO PENAL	225
DIREITOS DA PESSOA PRIVADA DE LIBERDADE	226
DEVERES DA PESSOA PRIVADA DE LIBERDADE.....	226
INDIVIDUALIZAÇÃO DA PENA	228
ASSISTÊNCIAS PREVISTAS NA EXECUÇÃO PENAL.....	230
■ ÓRGÃOS DA EXECUÇÃO PENAL.....	232

CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICA CRIMINAL E PENITENCIÁRIA	232
JUÍZO DA EXECUÇÃO PENAL	233
MINISTÉRIO PÚBLICO	234
CONSELHO PENITENCIÁRIO	235
PATRONATO.....	235
DEFENSORIA PÚBLICA.....	236
■ ESTABELECIMENTOS PENAIS.....	236
ESPÉCIES DE ESTABELECIMENTOS PENAIS	236
Penitenciária.....	238
Colônia Agrícola	239
Casa do Albergado.....	239
Hospital de Custódia	239
Cadeia Pública	239
LOTAÇÃO E ESTRUTURA PRISIONAL	239
■ EXECUÇÃO DAS PENAS PRIVATIVAS DE LIBERDADE	241
REGIMES FECHADO, SEMIABERTO E ABERTO.....	242
PROGRESSÃO E REGRESSÃO DE REGIME.....	242
REMIÇÃO DA PENA	245
TRABALHO DO PRESO	246
■ DISCIPLINA E SEGURANÇA PRISIONAL.....	247
FALTAS DISCIPLINARES E REGIME DISCIPLINAR DIFERENCIADO (RDD)	247
SANÇÕES DISCIPLINARES	249
SEGURANÇA E ORDEM NO AMBIENTE PRISIONAL.....	250
■ BENEFÍCIOS DA EXECUÇÃO PENAL.....	253
SAÍDA TEMPORÁRIA	253
LIVRAMENTO CONDICIONAL	254
INDULTO E COMUTAÇÃO DE PENA	255
MONITORAÇÃO ELETRÔNICA	256
CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS.....	261
■ PSICOLOGIA DA SAÚDE: FUNDAMENTOS E PRÁTICA.....	261

■ INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM NÍVEIS DE ATENÇÃO PRIMÁRIA, SECUNDÁRIA E TERCIÁRIA EM SAÚDE.....	263
COMPETÊNCIAS E RESPONSABILIDADES	264
■ POLÍTICA NACIONAL DE ATENÇÃO BÁSICA	264
PORTARIA Nº 2.436, DE 21 DE SETEMBRO DE 2017	264
■ POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE MENTAL	273
■ RAPS – REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL.....	275
POLÍTICA ANTIMANICOMIAL E NORMATIVAS PÓS-REFORMA PSIQUIÁTRICA	275
■ PROGRAMAS EM SAÚDE	276
ATUAÇÃO EM PROGRAMAS ASSISTENCIAIS DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO, INTERVENÇÃO EM GRUPOS VIVENCIAIS E DE PROMOÇÃO DA SAÚDE	276
■ TRATAMENTO E PREVENÇÃO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA E USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS	277
■ ASPECTOS EMOCIONAIS DA DOENÇA CRÔNICA	278
■ EDUCAÇÃO EM SAÚDE	279
■ TRABALHO EM EQUIPE MULTIPROFISSIONAL E INTERDISCIPLINAR	280
■ CLÍNICA AMPLIADA.....	281
■ PSICOTERAPIA BREVE E OUTRAS TÉCNICAS PSICOTERAPÊUTICAS	281
■ PSICOPATOLOGIA E PSICOFARMACOLOGIA.....	282
■ LAUDOS, PARECERES, RELATÓRIOS E OUTROS DOCUMENTOS PSICOLÓGICOS.....	284
■ ESTUDOS DE CASO, PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	285
■ PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO, GESTÃO, MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DE PROGRAMAS EM SAÚDE	286
■ ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA)	288
■ ESTATUTO DO IDOSO	343
■ ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	364
■ ÉTICA, DIREITOS HUMANOS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS.....	387
■ CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO	388
■ SISTEMA ÚNICO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (SUAS)	389
■ POLÍTICAS PÚBLICAS	390

■ PSICOLOGIA SOCIAL: O HOMEM EM MOVIMENTO	396
■ PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO	400
■ LEI ORGÂNICA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL (LOAS) NOB/SUAS.....	406
■ ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO	413
■ INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL COM GRUPOS E POLÍTICAS PÚBLICAS.....	414
■ ALTERNATIVAS PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS: CONCILIAÇÃO E MEDIAÇÃO	415
■ MODOS DE SUBJETIVAÇÃO CONTEMPORÂNEA E AS PRÁTICAS DE SABER/PODER	416
PRODUÇÃO DE EXCLUSÃO SOCIAL, DESVIO, CULPABILIZAÇÃO FAMILIAR, MARGINALIDADE, DESFILIAÇÃO E VULNERABILIDADE SOCIAL	416
■ PSICOLOGIA DOS GRUPOS	418
■ PSICOLOGIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL.....	419
■ ABORDAGEM PSICOSSOMÁTICA	419
■ PSICODIAGNÓSTICO: ENTREVISTAS	421
■ OBSERVAÇÃO LÚDICA.....	422
■ CONDUTA E ENCAMINHAMENTO	423
■ ASSISTÊNCIA DOMICILIAR.....	424
■ ATENDIMENTO FAMILIAR.....	425

LÍNGUA PORTUGUESA

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

A interpretação e a compreensão textual são aspectos essenciais a serem dominados por aqueles candidatos que buscam a aprovação em seleções e concursos públicos. Trata-se de um assunto que abrange questões específicas e de conteúdo geral nas provas. Conhecer e dominar estratégias que facilitem a apreensão desse assunto pode ser o grande diferencial entre o quase e a aprovação.

Além disso, seja a compreensão textual, seja a interpretação textual, ambas guardam uma relação de proximidade com um assunto pouco explorado pelos cursos de português: a **semântica**, que incide seus estudos sobre as relações de sentido que a forma linguística pode assumir.

Portanto, neste material, você encontrará recursos para solidificar seus conhecimentos sobre interpretação e compreensão textual, associando a essas temáticas as relações semânticas que permeiam o sentido de todo amontoado de palavras, tendo em vista que qualquer aglomeração textual é, atualmente, considerada texto e, dessa forma, deve ter um sentido que precisa ser reconhecido por quem lê.

Assim, vamos começar nosso estudo fazendo uma breve diferença entre os termos **compreensão** e **interpretação** textual.

Para muitos, essas palavras expressam o mesmo sentido, mas, como pretendemos deixar claro neste material, ainda que existam relações de sinonímia entre palavras do nosso vocabulário, a opção do autor por um termo em vez de outro reflete um sentido que deve ser interpretado no texto, uma vez que a **interpretação** realiza ligações com o texto a partir das ideias que o leitor pode concluir com a leitura.

Já a **compreensão** busca a análise de algo exposto no texto e, geralmente, é marcada por uma palavra ou expressão, apresentando mais relações semânticas e sintáticas. A compreensão textual estipula aspectos linguísticos essencialmente relacionados à significação das palavras e, por isso, envolve uma forte ligação com a semântica.

Sabendo disso, é importante separarmos os conteúdos que tenham mais apelo **interpretativo** ou **compreensivo**. Esses assuntos completam o estudo basilar de semântica com foco em provas e concursos, sempre visando à sua aprovação.

INFERÊNCIA – ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO

A inferência é uma relação de sentido conhecida desde a Grécia Antiga e que embasa as teorias sobre interpretação de texto.

Dica

Interpretar é buscar ideias e pistas do autor do texto nas linhas apresentadas

Porém, apesar de aparentemente parecer algo subjetivo, há “regras” para se buscar essas pistas.

A primeira e mais importante delas é identificar a orientação do pensamento do autor do texto, que fica perceptível quando identificamos como o raciocínio dele foi exposto: se de maneira mais racional, a partir da análise de dados e informações com fontes confiáveis, ou se de maneira mais prática, partindo dos efeitos e das consequências, a fim de identificar as causas.

Por isso, é preciso compreender como podemos interpretar um texto mediante estratégias de leitura. Neste material, selecionamos as estratégias mais eficazes, que podem contribuir para sua aprovação em seleções que avaliam a competência leitora dos candidatos. A partir disso, selecionamos estratégias de leitura que foquem nas formas de inferência sobre um texto.

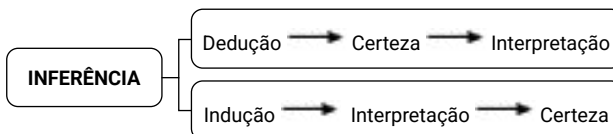
Dessa forma, é fundamental identificar como ocorre o processo de **inferência**, que se dá por **dedução** ou por **indução**. Para entender melhor, veja este exemplo:

O marido da minha chefe parou de beber.

Observe que é possível inferir várias informações. A primeira é que a chefe do enunciador é casada (informação comprovada pela palavra “marido”); a segunda é que o enunciador está trabalhando (informação comprovada pela expressão “minha chefe”); e a terceira é que o marido da chefe do enunciador bebia (informação comprovada pela expressão “parou de beber”). Note que há pistas contextuais do próprio texto que induzem o leitor a interpretar essas informações.

Tratando-se de interpretação textual, os processos de inferência, sejam por dedução ou por indução, partem de uma certeza prévia para a construção de uma interpretação, elaborada a partir das pistas oferecidas no texto, articuladas com as informações acessadas pelo leitor.

A seguir, apresentamos uma figura que representa como ocorre a relação desses processos:



A partir desse esquema, conseguimos visualizar melhor como o processo de interpretação ocorre. Agora, detalharemos esse processo, reconhecendo as estratégias que compõem cada maneira de inferir informações de um texto. Por isso, apresentaremos, nos tópicos seguintes, como usar estratégias de cunho dedutivo e indutivo e, ainda, como articular a isso o nosso conhecimento de mundo na interpretação de textos.

HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE E ASPECTOS GEOECONÔMICOS DO RIO GRANDE DO NORTE

HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE

PERÍODO COLONIAL: A CAPITANIA DO RIO GRANDE

Por período colonial compreende-se o período em que o Brasil esteve sob o domínio do reino de Portugal, iniciado com a chegada dos primeiros exploradores portugueses à colônia e encerrado após a Proclamação da Independência, em 1822. Esses três séculos de controle português moldaram o território que se formava e a nação que viria a ser.

FORMAÇÃO TERRITORIAL

Por formação territorial compreende-se o processo histórico e geográfico pelo qual um determinado território é moldado e estruturado. Isso envolve aspectos como a expansão geográfica, conquistas territoriais, demarcações de fronteiras, colonização, migrações, acordos políticos e transformações sociais.

A Capitania do Rio Grande: de Hereditária a Real

Quando o Brasil foi dividido em capitanias, a responsabilidade pela capitania do Rio Grande, atual estado do Rio Grande do Norte, recaiu sobre dois proeminentes portugueses: o historiador João de Barros, que ocupava a posição de alto funcionário no governo português, e Aires da Cunha, um fidalgo que havia se destacado em combates contra piratas e corsários.

Apesar de João de Barros ser considerado um candidato natural para receber uma concessão de terra no Brasil devido à sua proximidade com o trono português, ele não recebeu apenas uma, mas duas doações de donatárias. No entanto, essas doações não foram exclusivas para o seu usufruto, mas, sim, compartilhadas com o navegador Aires da Cunha.

Uma dessas doações abrangia a extensa costa de 100 léguas, estendendo-se desde a Baía da Traição até o Rio Jaguaribe, incluindo partes dos estados da Paraíba e do Ceará, fazendo fronteira no interior com o meridiano de Tordesilhas. A outra concessão consistia em 50 léguas mais ao norte, cobrindo uma área que atualmente corresponderia a parte do estado do Maranhão (Trindade, 2010).

A capitania do Rio Grande tinha uma extensão costeira de 100 léguas, sendo que cada um dos donatários

ficava com 50 léguas, e era uma das duas maiores capitanias do Brasil, ao lado de Pernambuco, abrangendo vastas regiões que se estendiam até os sertões dos atuais estados do Ceará, Piauí e Maranhão (Monteiro, 2000).

Na tentativa de estabelecer uma base para conquistar e colonizar as áreas do Rio Grande e do Maranhão, João de Barros e Aires da Cunha uniram forças com Fernão Álvares de Andrade, que era o donatário da capitania do Maranhão, uma continuação de outra capitania de mesmo nome, esta última pertencente a Aires da Cunha. Em 1535, Aires da Cunha, acompanhado dos filhos de João de Barros, Jerônimo e João, dirigiu-se à capitania do Rio Grande (Trindade, 2010).

Ao tentar desembarcar nas proximidades da foz do Rio Ceará-Mirim, Aires da Cunha e seus homens foram repelidos pelos indígenas potiguares, que estavam aliados aos franceses (Bueno, 1999). O episódio levou Aires da Cunha a limitar sua exploração ao litoral norte-rio-grandense, falecendo durante a expedição, quando a nau em que se encontrava colidiu com rochedos. Aqueles que sobreviveram, em março de 1536 fundaram um povoado chamado Nazaré, de efêmera duração, uma vez que os colonos, desanimados, decidiram abandonar a região.

Os filhos de João de Barros tentaram estabelecer-se na capitania do Rio Grande, porém, enfrentaram uma rejeição contundente dos indígenas. O respeitado historiador português e donatário fracassado empreendeu consideráveis esforços para resgatar seus filhos, suas embarcações e seus colonos. Ademais, ele arcou por conta própria com pensões para a viúva e os filhos de Aires da Cunha, além de outros parentes dos membros da expedição.

Apesar do insucesso dessa primeira tentativa de colonização na capitania, uma nova investida foi feita em 1555. Essa segunda expedição foi organizada e liderada pelos filhos de João de Barros, que haviam sobrevivido à primeira tentativa. No entanto, o resultado foi igualmente desastroso, o que se atribuiu às hostilidades praticadas contra os indígenas pelos primeiros colonizadores (Hollanda, 1989).

Devido à negligência à qual a capitania do Rio Grande foi submetida e ao alto endividamento de João de Barros, a coroa portuguesa decidiu intervir diretamente. Eles concederam um perdão da dívida acumulada com a primeira expedição de 1535 e, após o falecimento de João de Barros, em 1570, providenciaram uma pensão de 500 mil réis para a viúva. Além disso, um dos filhos de João de Barros recebeu uma compensação pela transferência dos direitos da capitania à coroa portuguesa, visto que não tinham recursos para manter suas prerrogativas como donatários (Trindade, 2010). Acredita-se que a capitania do Rio Grande tenha sido transformada de hereditária para real em 1582.

Dica

A capitania do Rio Grande foi inicialmente denominada "Rio dos Tapuios", posteriormente "Rio Potengi" e, finalmente, "capitania do Rio Grande". O nome da capitania se originou da observação dos portugueses em relação ao Rio Potengi (Cascudo, 1999).

ÉTICA NO SERVIÇO PÚBLICO

ÉTICA E MORAL

O ponto inicial desta matéria precisa de uma distinção que comumente passa despercebida: a diferença entre **ética e moral**. Você precisa de certezas firmes e objetivas para realizar a sua prova.

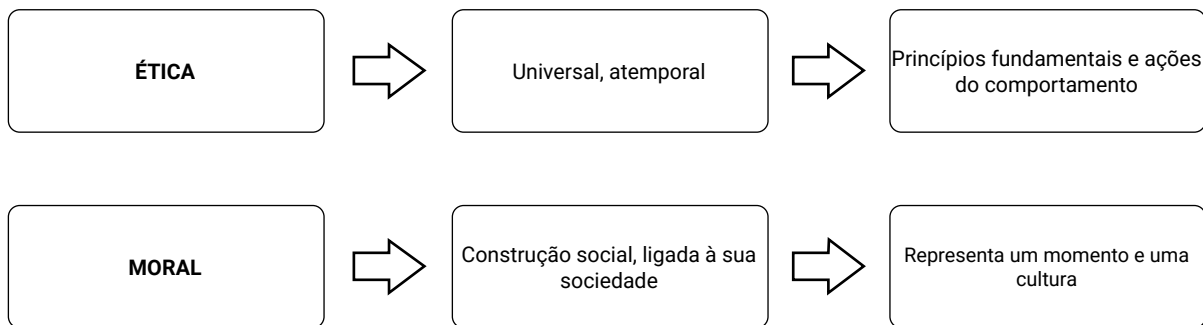
Ética é uma área da filosofia. É um estudo amplo, universal e atemporal. Seu objeto de estudo são princípios fundamentais das ações e do comportamento humano, englobando um conjunto de teorias e conceitos que visam definir as condições ideais para as ações humanas e as escolhas que devem ser feitas para alcançar referidas condições. A **moral**, por sua vez, é uma construção social. Sendo assim, está condicionada à sociedade que a cerca, que a contém. A moral, que pode ser transmitida por meio de religião, família e outras instituições sociais, tem um aspecto muito mais objetivo e é baseada em valores, crenças e costumes, que são compartilhados por um grupo de pessoas.

A ética, como parte da filosofia, alcança locais mais distantes e discute temas mais relevantes. Além disso, a ética é uma matéria de uma ciência por excelência. A dialética da filosofia busca a verdade final das coisas. A discussão e a oposição de ideias estabilizam os conceitos para que não mudem mais. A ética é estável, pois alcançou verdades que superaram o tempo. **A ética é estável, ou seja, é atemporal.**

Já a moral possui grande valor social e é uma ferramenta importante, todavia tem uma aplicação temporal e muda no desenrolar dos eventos históricos. Portanto, ela é mutável, restrita a determinadas localizações geográficas e sociais. Ou seja, diferentes contextos históricos, sociais, culturais e econômicos podem variar o entendimento moral de um determinado grupo. Por exemplo, para praticantes de religiões como judaísmo e islamismo é imoral comer carne de porco, contudo, para grande parte da população é algo totalmente comum e aceitável. A moral respeita a continência, ou seja, está contida pela sociedade que a cerca.

Atenção! Alguns autores frequentemente trazem ética e moral como sinônimos, mas **cuidado**, as bancas dos concursos frequentemente estabelecem distinções entre esses termos.

Veja uma distinção um pouco mais clara:



A ética tem um caráter científico, por isto suas mudanças e aplicações ocorrem de outra forma. Sua estabilidade é muito maior e suas aplicações alcançam uma universalidade. Em algum momento, espera-se que mudanças em conceitos éticos ocorram, mas, para execução de provas de concurso, o conceito de universalidade e estabilidade é adequado.

Agora que já conseguimos separar algumas características de moral e ética, vamos aprofundar um pouco nos seus conceitos. Para fazer isso, vamos usar a **etimologia**.

É conveniente analisar no estudo da ética a sua etimologia. Assim, ética é uma palavra que vem do termo grego “*ethos*”, que quer dizer “modo de ser”, “costume” ou “hábito”. O termo “*ethos*” era usado pelos antigos gregos para descrever as características distintivas de um grupo ou comunidade, incluindo seus costumes, tradições e valores. A origem da palavra nos remete instantaneamente para o cerne de seu conceito que, apesar da dificuldade de estabelecer um significado único, nos envia a um conjunto de princípios morais ou valores que dão condição à convivência humana em sociedade.

Em seguida, temos a origem do termo “moral”, que advém do latim, da palavra “*moralis*”. Os antigos romanos utilizavam esse termo para descrever os costumes e comportamentos que eram considerados aceitáveis ou corretos na sociedade.

Nota-se que, apesar de etimologicamente as palavras terem significados parecidos, o termo “*moralis*” desde sua origem se restringe ao que é aceitável ou correto **em uma determinada sociedade**, já incorporando essa restrição a um espaço seja geográfico, social ou temporal.

É importante ressaltar que a moral varia no tempo, a depender da conjuntura social. Até o século XIX, por exemplo, considerava-se normal que crianças trabalhassem em fábricas. Hoje, além de termos uma legislação

DIREITOS HUMANOS

TEORIA GERAL DOS DIREITOS HUMANOS

CONCEITO

As normas de direitos humanos, que são essenciais a uma vida digna, são frutos de um processo de construção e reconstrução que variaram conforme as necessidades humanas e contexto de cada época da história. Esclarecendo detalhadamente, suas regras foram desenvolvidas a partir de uma ação ou luta social, sendo, portanto, uma construção social (consciente e vocacionada) que decorre dessas novas demandas com o objetivo de assegurar a dignidade e evitar o sofrimento humano.

Verifica-se, assim, que os direitos humanos não surgiram de uma vez. Eles são fruto de um desenvolvimento histórico, conforme será explanado no item “O processo histórico de construção e afirmação dos direitos humanos”. Neste primeiro momento, Atente para o fato de que os direitos humanos foram sendo reconhecidos aos poucos.

Os primeiros direitos reconhecidos foram aqueles ligados ao **próprio indivíduo**, como, por exemplo, o direito de viver, de ter bens, de locomover-se. Trata-se de um primeiro olhar do Estado para o indivíduo. Um olhar que reconhece que os seres humanos possuem direitos mínimos e que o poder do Estado **não é** ilimitado. Assim, foram reconhecidas as **liberdades** dos indivíduos, ou seja, seus **direitos civis e individuais** — que abrangem todas as pessoas sem qualquer distinção. Também foram reconhecidos os direitos de participação popular na administração do Estado, isto é, os **direitos políticos**.

Importante!

Os primeiros direitos políticos eram bem limitados, pois estavam restritos a quem detinha a qualidade de cidadão e, por isso, atingiam somente os eleitores. As mulheres, por exemplo, não eram consideradas cidadãs, assim como os estrangeiros, e, conseqüentemente, não possuíam os direitos políticos, embora fossem titulares dos direitos civis mínimos garantidos pelo Estado.

Diante disso, pode-se definir direitos humanos como o conjunto de direitos e de valores previstos no ordenamento jurídico e tratados internacionais, que são aceitos no âmbito internacional com a principal finalidade de garantir mecanismos de proteção da dignidade da pessoa humana, garantindo maior proteção ao indivíduo do poder arbitrário do Estado.

Vale-se a atenção para não confundir o conceito de direitos humanos com direitos fundamentais.

Enquanto os direitos humanos estão previstos na **ordem jurídica internacional**, os direitos fundamentais estão previstos no **ordenamento jurídico interno**, a fim de criar mecanismos de proteção da dignidade da pessoa humana no ordenamento jurídico interno do país.

Antes de adentrarmos à sua terminologia, para melhor entendimento, cumpre fazer um paralelo entre os direitos positivados e não positivados.

Os direitos não positivados são aqueles que não se encontram expressamente previstos em nenhuma legislação, como, por exemplo, o direito do homem, pois trata-se de direitos naturais da pessoa humana. Já os direitos positivados são aqueles que encontram-se expressamente previstos na Constituição, como, por exemplo, os direitos fundamentais da pessoa humana.

Diante disso, pode-se dizer que a terminologia dos direitos humanos encontra-se em direitos positivados no âmbito internacional, razão pela qual eles possuem um tratamento diferenciado no nosso ordenamento. Vejamos os arts. 4º e 5º, da CF, de 1988:

Art. 4º A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios:

[...]

II - prevalência dos direitos humanos;

[...]

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

§ 3º Os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais.

Assim, para sua concretização, os direitos humanos passaram por diversos momentos históricos, com o principal objetivo de garantir direito à dignidade e igualdade para a pessoa humana.

A esses direitos que buscavam a defesa do indivíduo em face do abuso de poder do Estado (são chamados de liberdades públicas negativas ou direitos negativos), dá-se o nome de **direitos de primeira geração/dimensão**, por serem os primeiros direitos tutelados pelo Estado.

Os **segundos direitos** reconhecidos foram aqueles voltados a estabelecer a **igualdade** entre os indivíduos. Depois do olhar inicial para o indivíduo, reconhecendo suas liberdades, o Estado passou a visualizá-lo como membro de uma sociedade. Assim, foi possível reconhecer as diferenças entre as pessoas.

Como consequência, passou-se a exigir um papel mais ativo do Estado, para garantir direitos de oportunidades iguais aos indivíduos por meio de políticas públicas, como, por exemplo, acesso à educação e à saúde, voto feminino, regulamentação das regras trabalhistas e previdenciárias, entre outros. Passou-se, então, a exigir uma ação, e não mais uma omissão do Estado — liberdade positiva ou prestacional. A esses direitos dá-se o nome de **direitos de segunda geração/dimensão**, estando ligados ao poder de exigir do Estado a consecução dos **direitos econômicos, sociais e culturais**.

EXECUÇÃO PENAL

LEI Nº 7.210/1984 – LEI DE EXECUÇÃO PENAL (LEP)

Quando um indivíduo tem sua liberdade privada por força de uma decisão judicial criminal — que pode ser uma sentença, isto é, uma decisão que põe fim a um processo criminal condenando alguém; ou uma decisão que determinou a prisão preventiva; ou, ainda, a chamada absolvição imprópria, que determinou a aplicação de medida de segurança e a consequente internação do sujeito —, surge uma série de questões que precisam ser resolvidas em relação à situação da pessoa condenada ou internada.

Por exemplo, como vai correr o processo de execução da pena? Quais são os direitos e os deveres da pessoa privada de liberdade? A resposta para estes questionamentos encontra-se na Lei de Execução Penal (LEP), Lei nº 7.210, de 1984.

A Lei de Execução Penal está relacionada ao processo de execução da lei penal. A LEP possui a dupla finalidade de tornar efetivas as disposições que constam na sentença ou na decisão criminal e, ao mesmo tempo, prover condições para a reintegração do apenado e do internado.

Trata-se de uma lei bem extensa e que sofreu importantes modificações pela chamada Lei Anticrime, que entrou em vigor em 2020.

No entanto, para as carreiras policiais, o comum é que as bancas cobrem apenas a letra da lei relativa a alguns temas específicos. Vamos estudar e fixar quais são esses pontos.

Inicialmente, é importante ressaltar alguns dos princípios que estão relacionados à execução penal. Os princípios da humanidade, da proporcionalidade, da legalidade, da individualização e intranscendência da pena são os mais habituais em provas. Vejamos cada um deles:

- **Princípio da humanidade:** está intimamente relacionado à prevalência dos direitos humanos. De acordo com os incisos XLVII e XLIX, ambos do art. 5º, da Constituição Federal, o princípio da humanidade é estabelecido por meio da vedação de penas de caráter perpétuo e cruel, de banimento, de trabalhos forçados, de morte (em regra), bem como pela necessidade de observância à integridade física e moral do condenado. Nesse mesmo sentido, a LEP estabelece, em seus §§ 1º a 3º, do art. 45, que não haverá sanções que coloquem em risco a integridade física e moral do condenado, vedando-se também o emprego de cela escura como sanção, assim como as sanções coletivas;
- **Princípio da proporcionalidade:** estabelece que deverá ocorrer um equilíbrio entre o crime praticado e a sanção imposta ao indivíduo;
- **Princípio da legalidade:** diz respeito à necessidade de anterior previsão legal ao crime praticado. Em outras palavras, para que um comportamento

possa ser considerado crime, é necessário que a conduta seja estabelecida em uma lei, e que esta lei seja anterior ao crime. O art. 45, da LEP, estabelece que “*não haverá falta nem sanção disciplinar sem expressa e anterior previsão legal ou regulamentar*”;

- **Princípio da individualização da pena:** refere-se à necessidade de aferir as particularidades, o grau de lesividade do bem jurídico tutelado e a personalidade do agente infrator, para, então, aplicar o direito ao caso concreto;
- **Princípio da intranscendência da pena:** em linhas gerais, a pena poderá atingir somente o infrator. O exemplo mais comum utilizado em provas é o pai que pede para ser preso no lugar do filho que praticou um delito. Este princípio está previsto no inciso XLV, art. 5º, da **Constituição Federal**:

Art. 5º [...]

XLV - nenhuma pena passará da pessoa do condenado, podendo a obrigação de reparar o dano e a decretação do perdimento de bens ser, nos termos da lei, estendidas aos sucessores e contra eles executadas, até o limite do valor do patrimônio transferido.

Estabelecidas as considerações iniciais e os princípios norteadores das normas de execução penal, adentraremos no estudo da LEP. Trata-se de uma lei extensa que sofreu importantes modificações pela chamada Lei Anticrime e entrou em vigor em 2020.

OBJETIVOS E APLICAÇÃO DA EXECUÇÃO PENAL

O Título I, da LEP, que vai do art. 1º ao 4º, trata do objeto e da aplicação da Lei nº 7.210, de 1984. O art. 1º, da LEP, apresenta tanto seu objeto quanto sua aplicação.

Objeto da LEP

Uma vez cerceada a liberdade de um indivíduo por uma decisão judicial criminal (seja ela uma sentença, isto é, uma decisão que põe fim ao processo criminal ou uma decisão que determinou a prisão preventiva de alguém), surge uma série de situações que devem ser reguladas em relação ao condenado ou internado.

A LEP aplica-se aos **condenados** e aos **internados**.

Via de regra, o início da execução da pena se dá com a sentença penal condenatória transitada em julgado (sentença condenatória da qual não cabe mais recursos).

No entanto, a execução penal também pode ter início com a chamada sentença absolutória imprópria, que é aquela que determina a aplicação da medida de segurança, ordenando ao inimputável ou semi-imputável a internação em hospital de custódia ou o tratamento ambulatorial. Daí dizer que a lei se aplica tanto aos condenados quanto aos internados.

Assim, os **objetivos** da LEP encontram-se dispostos em seu art. 1º:

Art. 1º *A execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado.*

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

PSICOLOGIA DA SAÚDE: FUNDAMENTOS E PRÁTICA

A psicologia da saúde reúne o conjunto de contribuições científicas, educativas e profissionais da psicologia voltadas à promoção e à manutenção da saúde, à prevenção e ao tratamento das doenças e à identificação dos fatores associados ao adoecimento. Seu objeto não se limita à doença já instalada, porque abrange o comportamento humano ao longo de todo o processo de saúde e enfermidade, dos hábitos cotidianos à adesão terapêutica. Trata-se de um campo aplicado, que aproxima o conhecimento psicológico das práticas de cuidado desenvolvidas nos serviços de saúde.

Compreender esse campo permite ao profissional intervir sobre os fatores psicológicos que influenciam o surgimento, o curso e o desfecho das enfermidades, além de qualificar a relação entre a equipe e o usuário. Sua relevância cresce à medida que as doenças crônicas e os agravos ligados ao estilo de vida se tornam o principal desafio dos sistemas de saúde. No contexto institucional, incluído o sistema prisional, esse conhecimento orienta ações de cuidado atentas às condições concretas de vida das pessoas atendidas.

O estudo do tema exige o domínio de alguns eixos que se articulam ao longo de todo o material. Interessam a origem histórica do campo e o modelo biopsicossocial que o sustenta, os determinantes psicológicos do processo saúde-doença, os níveis e cenários de atuação e as competências exigidas na prática cotidiana.

DEFINIÇÃO, SURGIMENTO E BASES TEÓRICAS DO CAMPO

A psicologia da saúde consolidou-se como campo autônomo entre o fim da década de 1970 e o início dos anos 1980, nos Estados Unidos, quando a Associação Americana de Psicologia organizou uma divisão específica para reunir pesquisadores e clínicos dedicados ao tema. A formulação mais influente do período coube a Joseph Matarazzo, em 1980, ao descrever o campo como o somatório das contribuições da psicologia para a promoção da saúde, para a prevenção e para o enfrentamento da doença. No Brasil, a área ganhou corpo a partir dos anos 1990, articulada à expansão da atuação psicológica em hospitais, ambulatórios e serviços públicos de saúde.

O marco conceitual do campo é o modelo biopsicossocial, proposto por George Engel em 1977 como alternativa ao modelo biomédico então dominante. O modelo biomédico reduz a doença a uma alteração orgânica mensurável e trata o corpo como uma máquina a ser reparada, deixando de fora a experiência de quem adoecce. Engel (1977) sustentou que os processos

de saúde e doença resultam da interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais, que operam de modo integrado e não podem ser compreendidos de forma isolada.

A sustentação do modelo vem da teoria dos sistemas, que descreve o organismo como um conjunto de subsistemas em interação contínua, do plano celular ao plano social. Os sistemas nervoso, endócrino, imunológico e cardiovascular respondem a estados emocionais e a condições do ambiente, o que ajuda a explicar por que o estresse prolongado adoecce e por que o apoio de outras pessoas protege. Straub (2014) reúne evidências dessa interação em campos como as doenças cardiovasculares, o manejo da dor e a resposta imunológica.

A noção de saúde adotada pelo campo afasta-se da simples ausência de doença e aproxima-se do entendimento de bem-estar físico, mental e social consagrado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Saúde e doença deixam de ser estados opostos e passam a formar um processo dinâmico, atravessado por condições materiais, vínculos afetivos e escolhas de comportamento.

Convém distinguir com cuidado a psicologia da saúde da psicologia hospitalar, termos que muitas vezes são tomados como equivalentes. A **psicologia hospitalar** nomeia, sobretudo no Brasil, a atuação do psicólogo dentro do hospital geral, com foco no paciente internado e em sua família. A **psicologia da saúde** é mais ampla, pois abrange todos os níveis de atenção e cenários de cuidado, de sorte que a atuação hospitalar constitui uma de suas especialidades, e não o campo inteiro.

Importante!

O modelo biopsicossocial não nega a base biológica do adoecimento. Ele acrescenta a essa base os fatores psicológicos e sociais, e trata saúde e doença como resultado da interação entre os três planos.

MODELO BIOMÉDICO	MODELO BIOPSISSOCIAL
Foco na doença e na lesão orgânica	Foco no processo saúde-doença como um todo
Separação entre corpo e mente	Interação entre corpo, mente e ambiente
Causa única, de natureza biológica	Causas múltiplas, biológicas, psicológicas e sociais
Paciente passivo diante do tratamento	Pessoa ativa e responsável pelo cuidado

DETERMINANTES PSICOLÓGICOS DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA

Boa parte da carga de adoecimento contemporânea está associada a comportamentos e a estilos de vida, o que coloca a dimensão psicológica no centro do cuidado em saúde. Tabagismo, sedentarismo, alimentação inadequada, uso abusivo de álcool e exposição a situações de risco são condutas aprendidas e

MAIS DE 100 MIL ALUNOS APROVADOS!

 **799 APROVADOS NO
BANCO DO BRASIL 2021**

 **92 APROVADOS
NO TJ-MG 2022**

 **213 APROVADOS
NO SEAGRI/DF 2022**

 **337 APROVADOS
NO INSS 2022**



GOSTOU DESSA DEMONSTRAÇÃO?

Aproveite o Desconto especial e adquira
a versão completa desse material!

ADQUIRIR MATERIAL COMPLETO